



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

## Sócrates, um humanista

**Por:** João Donizeti Leli<sup>1</sup>  
joaoleli@utfpr.edu.br

### Resumo

O artigo visa tecer breves considerações acerca da Filosofia Ocidental, sua origem e significado, situando-a entre outras áreas do conhecimento. Faz ainda reflexões sobre Sócrates, o patrono da Filosofia, destacando de seu pensamento contribuições aos estudos da Ética, o que lhe garante seguramente um lugar de destaque entre os maiores humanistas da cultura universal.

**Palavras-chave:** Filosofia; Método Dialógico; Humanismo.

### Resumo

*La artikolo celas fari mallongajn konsiderojn pri Okcidenta Filozofio, ĝian originon kaj signifon, metante ĝin inter aliaj areoj de scio. Li ankaŭ faras reflektajn pri Sokrato, la mastrino de Filozofio, elstarante siajn kontribuojn al studoj pri Etiko, kiuj certe certigas al li lokon de elstarajo inter la plej grandaj humanistoj de universala kulturo.*

**Ŝlosilvortoj:** Filozofio; Dialogika Metodo; Humanismo.

### Abstract

*The article aims to weave brief considerations of Western Philosophy, its origin and meaning, situating it among other areas of knowledge. Still reflects on Socrates, the patron of Philosophy, highlighting his contributions to the study of thinking Ethics, which guarantees certainly a prominent place among the greatest humanists of universal culture.*

**Keywords:** Philosophy; dialogical method; humanism.

---

<sup>1</sup> É Especialista em Filosofia Clínica pelo Instituto Packter-IPAFIC- Faculdade Padre João Bagozzi, é Especialista em Letras Língua Portuguesa e Literatura pela Universidade Estadual do Norte do Paraná – UENP, É Especialista em Metodologia Didática do Ensino pela Universidade Estadual do Norte do Paraná – UENP, é Graduado e Licenciado em Letras pela Universidade do Norte do Paraná – UNOPAR, em Pedagogia pela Universidade Estadual do Norte do Paraná – UENP e Filosofia pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – UNESP. É servidor público federal, docente do Ensino Superior, lotado na Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR, na cidade de Cornélio Procopio – PR. Leciona as disciplinas de Psicologia Aplicada ao Trabalho, Fundamentos da Ética, Ética e Sociedade, Educação e Trabalho, Filosofia e Trabalho: possíveis aproximações.



IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Áporo

Um inseto cava  
cava sem alarme  
perfurando a terra  
sem achar escape.

Que fazer, exausto,  
em país bloqueado,  
enlace de noite  
raiz e minério?

Eis que o labirinto  
(oh razão, mistério)  
presto se desata:

em verde, sozinha,  
antieuclidiana,  
uma orquídea forma-se.

Carlos Drummond de Andrade

Inicialmente, antes de tratar de Sócrates e suas contribuições ao campo da Ética, tecerei considerações preliminares sobre a natureza e a relevância da área do conhecimento humano que, na cultura ocidental, recebe o nome de filosofia.

A palavra filosofia, em sentido etimológico, tal como foi concebida por Pitágoras, significa “amor à sabedoria” (do grego *philia* = amor, amizade e *sophia* = sabedoria). Na esteira do pensamento desse filósofo grego, muito mais do que um conjunto de ideias prontas, um corpo de doutrinas definidas, a filosofia é uma atitude do homem diante dos fenômenos do mundo. É a busca amorosa e racional do ser humano “sentinte” e pensante, que se traduz em dúvidas, reflexões e investigações sobre a verdade e o conhecimento. Segundo o adágio socrático, a vida só vale a pena ser vivida quando é pensada. Em outras palavras, a tradição filosófica ocidental ensina que, para se viver bem e dar sentido à própria existência, é mister filosofar, ou seja, assumir diante dos fatos uma postura crítica, reflexiva e de construção de significados, e não adotar um mero comportamento de passivo espectador e consumidor de ideias alheias, prontas, acabadas e, na pior das hipóteses, alienantes.

**IΦ-Sophia**

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Vale lembrar o que afirma Karl Marx (1986, p. 128), em sua 11<sup>a</sup> tese contra Feuerbach: “Os filósofos se limitaram a interpretar o mundo de diferentes maneiras; mas o que importa é transformá-lo”. Isso significa que não é o bastante se apropriar de ideias filosóficas, produzidas ao longo dos vinte e seis séculos de história da filosofia, enchendo-se de teorias eruditas e teses abstratas, mas fundamentalmente munir-se desse instrumental teórico, analisá-lo e transformá-lo em práxis histórica, numa síntese dialética entre teoria e prática, comprometida com as reais necessidades da sociedade atual, globalizada e informatizada.

Toda filosofia é reflexiva, mas nem toda reflexão é filosófica. Segundo Dermeval Saviani (2004, p. 16-7), “para que uma reflexão possa ser adjetivada de filosófica, é preciso que se satisfaça uma série de exigências”, resumidas em três requisitos: a radicalidade, o rigor e a globalidade. A Filosofia deve ser radical no sentido etimológico da palavra (do latim *radix*, *radicis* = raiz), ou seja, buscar os princípios, a gênese do fenômeno sobre o qual o filósofo está refletindo. Deve também ser rigorosa no sentido de ser lógica, metódica e sistemática, consciente de sempre chegar a alguma conclusão a partir de premissas bem elaboradas e fundamentadas. E ainda ter uma visão de globalidade, no sentido de analisar cada fenômeno, não separado do seu contexto, mas numa perspectiva de conjunto, na interação dinâmica com outros fenômenos, no ensejo de encontrar na articulação entre as suas amplas variáveis a sua mais lídima significação.

Parafraçando Fernando Pessoa, que retoma um dito memorável do general romano Pompeu (106-48 a.C.), pode-se afirmar que “navegar é preciso; filosofar é (im)preciso”. Embora a reflexão filosófica se construa a partir de bases lógicas e racionais, isso não significa que a filosofia tenha a pretensão de ser produto infalível da busca do saber, nem tampouco a guardiã milenar de verdades eternas e irrefutáveis. Em filosofia, sempre se está a caminho; cada ponto de chegada é um novo ponto de partida, um terno e eterno recomeço. É o processo de busca, muito mais do que o produto acabado, que fascina o filósofo e o faz admirar-se diante do espetáculo da vida, buscando explicitar-lhe o sentido velado e a verdade (*aletheia*) subjacente.

Vive-se hoje um momento de crises, numa época marcada pelo egoísmo, pela vaidade, alienação, ganância, confusão de valores e pela violência generalizada. Em meio a esse turbilhão



IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

de catástrofes, ainda existem espaços de concórdia, esperança e solidariedade. Cabe aos seres humanos e, entre eles, aos filósofos e profissionais da educação, não deixar morrer a chama de vida e entusiasmo que habita o coração das pessoas. Precisa-se, mais do que nunca, recuperar o prazer de viver, lutar, projetar ideais e utopias, para que o trabalho não seja vão nem a rotina sem propósito.

Nesse sentido, para se compreender cada vez mais a importância da luta, forjada no dia a dia dos lares, escolas, igrejas, clubes sociais e locais de trabalho, e para se comprometer com a ética do amor, dos direitos humanos e da solidariedade, a filosofia se faz indispensável. Através dela, o homem pode ter uma visão mais ampla da vida, de si mesmo, compreender as raízes históricas do mundo atual, globalizado e informatizado, para poder se inserir nele como cidadão(ã), de modo efetivo, autêntico e responsável.

No espírito destas reflexões, optei por olhar para Sócrates e conhecer melhor sua vida e seus pensamentos, visando avaliar sua importância para a compreensão da filosofia e suas contribuições à cultura ocidental.

Nascido em Atenas, por volta de 469 a.C., seus pensamentos – e método dialógico – marcaram não apenas a sua época mas também a posteridade. Figura ímpar, de caráter e magnitude inconfundíveis, suas concepções sobre o homem assentaram a pedra angular de todo o edifício humanista da história da filosofia e da educação no mundo ocidental. Pensador genuíno, cidadão inconformista, no diálogo com as pessoas lapidava palavras como o ourives lapida diamantes. Crítico contumaz da moral e da política de seu tempo, não se deixou levar, contudo, pela tentação dos bens materiais, pelo ufanismo ou pela vaidade intelectual.

Sócrates era filho de um artesão, Sofronisco, e de uma célebre parteira, Fenareta. Da profissão de seus pais, extraiu material para o exercício de sua própria profissão: a filosofia. Casou-se com Xantipa, mulher de gênio irascível, com quem teve três filhos: Lamprocles, Sofronisco e Menexeno. Durante muito tempo, seguiu o ofício do pai, ou seja, foi um escultor. Com 40 anos aproximadamente ouviu de seu amigo Querefonte, o qual havia consultado o oráculo de Delfos, que o deus Apolo o considerara “o mais sábio dos homens de sua época”. Perplexo diante da grandeza dessa revelação decidiu dedicar-se plenamente a uma missão de

IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

caráter sagrado, qual seja: dialogar com as pessoas. Mais adiante, neste trabalho, discorrerei sobre essa atividade dialógica de forma mais detalhada e consistente. Por ora, considerarei Sócrates como o filósofo que, segundo Cícero, trouxe a filosofia do céu para a terra. Isto significa que, nos primeiros anos de sua atividade, seguindo a linha temática dos chamados pré-socráticos, o filósofo ateniense dedicou-se ao estudo da *physis* (natureza), tentando compreender a origem e a organização racional do universo (*kosmos*); mas, aos poucos, convencido de que não é possível aos filósofos conhecer a essência dos fenômenos físicos e naturais, voltou-se para a análise e compreensão dos fenômenos humanos, podendo, destarte, ser considerado um dos principais precursores dos estudos humanísticos. Quanto à sua formação intelectual, afirma Jean-JöelDuhot (2004, p. 47):

[...] Sócrates procurou desde cedo encontros intelectuais, o que em uma cidade em plena florescência cultural e constantemente mergulhada em debates políticos devia ser tanto menos difícil porquanto sua riqueza e seu desenvolvimento iam atrair cada vez mais pensadores e professores, com os quais [...] Sócrates gostava de discutir fora dos cursos, que não teria meios para pagar. Platão faz Sócrates dizer no *Laques* que não teve mestre e que os sofistas eram demasiado caros para ele. Não é menos verdade que foi a riqueza da cidade que fez dela um centro intelectual graças ao qual Sócrates pôde tornar-se ele mesmo: as leituras, os encontros, os debates por meio dos quais se construiu não eram possíveis em outro lugar. De outro lado, todas as tradições concordam sobre o fato de que não viajou além de suas campanhas militares. [...] Nem teve tampouco meios de ir à Itália seguir os ensinamentos dos eleatas e dos pitagóricos, como não tivera a possibilidade de pagar os cursos dos sofistas vindos a Atenas.

Sócrates, um autodidata, divisor de águas, filósofo de rua, de praça pública, encarnou o espírito democrático mais do que a própria democracia ateniense, uma vez que, no contexto de uma cultura marcadamente elitista e androcêntrica, partia da premissa de que a essência do homem é a sua alma (a sede da razão, o eu consciente); de onde deduz que todas as pessoas têm uma alma capaz de ser despertada e, assim, dialogava com todos, homens e mulheres, cidadãos e escravos, ricos e pobres, idosos e jovens, atenienses e estrangeiros, generosa, acolhedora e indistintamente.

Com exceção de alguns poemas esboçados no cárcere enquanto aguardava a execução de sua sentença (PLATÃO, 1981, p. 105), Sócrates não nos legou nenhum escrito filosófico.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Conhece-se o seu pensamento através de seus discípulos e admiradores, com peculiar destaque a Platão e Xenofonte e também de seus inimigos e adversários, como o dramaturgo Aristófanes, autor da comédia *As Nuvens*, na qual satiriza Sócrates apresentando-o como um sofista caricaturado (RUSSELL, 2003, p. 79-80).

A filosofia de Sócrates é viva e dinâmica, construída em praça pública, através do diálogo, principalmente com a juventude. Aqueles que, na ágora, resistiam às suas perguntas pontuais e bem dirigidas, tornavam-se, via de regra, seus amigos e discípulos; por outro lado, aqueles que não aceitavam ver sua ignorância exposta diante de outros retiravam-se da presença do filósofo, convertendo-se em inimigos rancorosos e caluniadores.

Em seus Diálogos, mormente os da primeira fase de sua produção – os chamados “diálogos socráticos” –, Platão nos apresenta Sócrates como personagem principal, o filósofo-protagonista que conversa com seus discípulos sobre objetos os mais variados, compondo um belíssimo e sugestivo mosaico de temáticas ético-filosóficas até hoje revisitadas. De acordo com Bertrand Russell (2003, p. 80-1),

Salvo nos seus dias de juventude, Sócrates não era muito dado à especulação científica. Seu principal interesse era o Bem. Nos primeiros diálogos de Platão, onde Sócrates se destaca mais claramente, nós o encontramos buscando a definição de termos éticos. Em *Cármide*, trata-se da moderação; em *Lísias*, da amizade; em *Laques*, da coragem. Não nos são dadas respostas definitivas a tais questões, mas nos é mostrada a importância de fazê-las.

Isto ressalta a linha fundamental do pensamento socrático. Embora ele sempre diga que nada sabe, não acha que o conhecimento esteja além do nosso alcance. [...] Sócrates sustenta que o que faz um homem pecar é a falta de conhecimento. Se soubesse, não pecaria. A causa dominante do mal é, portanto, a ignorância.

Nesses Diálogos, o fundamental para Sócrates não é tanto a conclusão a que se possa chegar, inferências que se possam fazer, doutrinas a serem concebidas, mas a alma do interlocutor, a superação de suas opiniões, a consciência da fragilidade de suas crenças e a ruptura com velhos paradigmas e preconceitos, para o despertar da própria alma, visando a ascese racional, das intuições sensíveis às essências, da *doxa* à *episteme*, da imprecisão dos sentidos (simulacros) à limpidez dos conceitos inteligíveis (arquétipos). Embora os diálogos platônico-socráticos não tenham a pretensão de serem conclusivos, sua força e grandeza



IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

consistem em conduzir o aprendiz/leitor, através de debates, a penetrar na posse de sua alma, ou seja, conquistar o domínio de sua condição existencial e saber justificar, menos pela retórica do que pela dialética, os argumentos que fazem de si pessoas justas, virtuosas e capazes de fruir a própria liberdade.

A inscrição que Sócrates teria lido no templo de Apolo, em Delfos, e adotado como máxima de vida e de trabalho filosófico, “Conhece-te a ti mesmo”, pode ser compreendida tanto em uma dimensão psicológica – como um mergulho interior, uma introspecção – , quanto em uma dimensão antropológica, como um saber sobre o homem de uma dada época, em um contexto histórico-cultural específico. Por esse motivo, ainda uma vez, Sócrates pode ser elevado ao panteão dos maiores humanistas da história do pensamento.

Para filosofar com seus discípulos, Sócrates usava um método – dialógico – estruturado básica e didaticamente em duas fases distintas, porém complementares: a *ironia* e a *maieutica*. Na primeira fase, assumindo ironicamente a condição de quem “tudo o que sabe é que nada sabe”, através de perguntas, Sócrates conduz com maestria o seu interlocutor a (des)construir o seu pseudo-saber, a sua ilusão de conhecimento; leva-o a tomar consciência de sua ignorância e, ao ser colocado em uma situação de aporia, desestabilizam-se suas crenças frágeis, opiniões infundadas e preconceitos. Na segunda fase, análoga ao trabalho de sua mãe – parteira – , Sócrates conduz o discípulo à (re)construção do saber, despertando sua alma para a autonomia do pensar e ousar chegar às suas próprias concepções sobre o tema em pauta, às suas significações ou, no dizer de Schopenhauer, às suas próprias representações. É uma analogia ao parto, pois não é a parteira quem gera uma nova vida; ela apenas ajuda a parturiente a dar à luz o novo ser. Sócrates jamais se julgou um sábio (*sophos*) ou um professor, dotado de conhecimentos, imbuído da tarefa de instruir a quem não sabe, mas um mediador entre o discípulo e o saber que está em sua alma, precisando somente de uma oportunidade para ser trazido à luz, por meio do diálogo e da reminiscência.

Em 399 a.C., Sócrates, o filósofo do diálogo, da escuta, da oralidade, foi acusado por um tribunal constituído em praça pública (500 ou 501 homens) de desdenhar os deuses do Estado e de corromper a juventude. Diante de seus acusadores e juízes, ele se encarrega de sua

IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

autodefesa, provando aos advogados de acusação (o poeta Meleto, principalmente) que nem eles mesmos tinham clareza e convicção das cláusulas de que o estavam acusando. Essa defesa tornou-se clássica na versão escrita por Platão, a *Apologia de Sócrates*. Nela, pode-se ler que, em momento algum do processo, o filósofo-réu apelou para a autopiedade ou a bajulação a seus acusadores. Ao contrário, manteve-se lúcido, corajoso e, mesmo na prisão, antes de ser obrigado a ingerir uma taça de cicuta, ainda dialogava com os seus discípulos, refletindo sobre a morte física e a imortalidade da alma, incitando-os à prática da virtude moral e do dever cívico. Na concepção ética de Sócrates, a prática do bem está diretamente associada ao conhecimento; a prática do mal, por sua vez, é fruto da ignorância. Daí se conclui que, segundo ele, a ética só pode ser pensada em estreita relação com a epistemologia. Assim, sempre atento e fiel à voz do seu *daimon* interior (a sua própria consciência), submeteu-se ao suicídio induzido com nobre altivez, firme coerência e viril serenidade.

Escolhi o poema *Áporo*, de Carlos Drummond de Andrade, como epígrafe deste trabalho e, recorrendo à Internet, encontrei um site\*\* no qual constam as seguintes definições de áporo:

1. problema insolúvel, situação sem saída;
2. uma espécie de inseto que cava a terra;
3. uma orquídea verde.

Refletindo sobre os dados levantados para a elaboração deste artigo e após o estudo mais atento do pensamento socrático, encaminho-me para a conclusão na certeza de que Sócrates, com o método dialógico, prima por conduzir o interlocutor/aprendiz, de situações difíceis e intrincadas (problemas), vivenciadas pela pessoa humana nos labirintos da existência (como um inseto que cava a terra) até o autoconhecimento, explosão de vida e beleza (como uma orquídea verde), no enfim encontrado caminho do domínio da própria consciência e da singular autenticidade.

A realização deste trabalho oportunizou-me entender como Sócrates, há mais de vinte e cinco séculos, ousou viver – e morrer! – defendendo suas ideias, seus projetos, suas utopias

---

\*\*<http://www.algumapoesia.com.br>

IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

filosóficas. Para nós, homens e mulheres contemporâneos, defender uma utopia deve significar conceber uma ideia e transformá-la em projeto de vida, que pode ainda não estar viabilizado, concretizado, mas que poderá vir a sê-lo. Conceber e realizar uma utopia – seja política, social ou pedagógica – deve significar, em outras palavras, compreender a si mesmo e aos outros como seres em devir, em construção, ou seja, em contínuo processo de humanização. Portanto, precisamos ter a consciência de que estamos aqui, neste mundo estruturado em alegria e caos, vivendo um presente que a cada momento é passado, aberto ao futuro; que somos seres inacabados, uma linha tênue entre o possível e o impossível, o real e o ideal, a razão e o coração, o local e o universal; e precisamos ter a coragem de construir a nossa utopia, encontrar a nossa própria alma, a morada de nosso ser.

Partilho aqui a minha plena convicção de que o mundo onde vivemos – o planeta Terra e as pessoas que nele habitam – terá uma nova chance a cada vez que alguém olhar para dentro de si, conhecer a si mesmo e o modo como se estrutura, acalantar o seu ser e se dispuser a ir ao encontro do outro, na dinâmica do amor e da solidariedade.

À guisa de conclusão, retomo os dizeres de Sócrates, de acordo com o relato de Platão (1999, p. 73), ao se despedir dos juízes que o condenaram à morte: “ – Bem, é chegada a hora de partirmos, eu para a morte, vós para a vida. Quem segue melhor destino, se eu, se vós, é segredo para todos, exceto para a divindade”.

### Referências

- ANDRADE, Carlos Drummond de. *Áporo*. Disponível em: <http://www.algumapoesia.com.br>. Acesso em: 10 maio 2017.
- DUHOT, Jean-Joël. **Sócrates ou o despertar da consciência**. São Paul: Loyola, 2004.
- MARX, Karl; ENGES, Friedrich. **A ideologia alemã**. São Paul: Hucitec, 1986.
- PESSOA, Fernando. **Navegar é preciso**. Disponível em: <http://www.secrel.com.br/jpoesia/poesia.html>. Acesso em: 10 maio 2017.
- PLATÃO. “Apologia de Sócrates” In PLATÃO; XENOFONTE. **Sócrates**. São Paul: Nova Cultural, 1999, p. 37-73.
- \_\_\_\_\_. **A República**. São Paul: Nova Cultural, 1997.
- \_\_\_\_\_. **Diálogos**. São Paul: Hemus, 1981.



$I\Phi$ -*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

RUSSELL, Bertrand. **História do pensamento ocidental: a aventura dos pré-socráticos a Wittgenstein**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.

SAVIANI, Dermeval. **Educação:do senso comum à consciência filosófica**. Campinas: Autores Associados, 2004.